
Revista Cocar. Edição Especial. N.09/2021 p.1-21 ISSN: 2237-0315
Dossiê: Educação e tecnologias no contexto da pandemia pelo coronavírus e isolamento social: cenários, impactos e perspectivas

Educação e tecnologia e tempos de pandemia: Programa Ria40tena e a descolonização do mundo da vida

Education and technology in time of pandemic: RIA40tena Program and the decolonization of the life world

Adriana Rocha Bruno
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO
Lucila Pesce
Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP
Adriana Hoffmann
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO
Rio de Janeiro e São Paulo -Brasil

Resumo

O artigo reflete sobre os desafios que se descortinam no campo educacional brasileiro, em tempos de pandemia do COVID-19. Situa-se como relato analítico das atividades desenvolvidas na Rede Interinstitucional de Ações Coletivas de Universidades do Brasil e América Latina (RIA40TENA) e vale-se do conceito vigotskiano de vivência e de quatro conceitos habermasianos: racionalidade instrumental, racionalidade comunicativa, sistema, mundo da vida. A análise deflagra a hegemonia das ações educacionais desenvolvidas sob a égide da racionalidade instrumental, mediante a qual os atores sociais diretamente envolvidos nos processos formativos têm seu mundo da vida colonizado pelo sistema. Em refuta a esse cenário educacional desolador, são relatadas ações que integram o aludido programa, amparadas na racionalidade comunicativa, em respeito ao mundo da vida dos seus participantes.

Palavras-chave: Tecnologias e ações educacionais; COVID-19; Programa RIA40TENA.

Abstract

The article reflects on the challenges that unfold in the Brazilian educational field, in times of the COVID-19 pandemic. It is situated as an analytical account of the activities developed in the Interinstitutional Network of Collective Actions of Universities in Brazil and Latin America (RIA40TENA) and uses the Vigotskian concept of experience and four Habermasian concepts: instrumental rationality, communicative rationality, system, world of life. The analysis triggers the hegemony of educational actions developed under the aegis of instrumental rationality, through which the social actors directly involved in the formative processes have their life world colonized by the system. In refutation of this bleak educational scenario, actions that integrate the mentioned program are reported, supported by communicative rationality, with respect to the life world of its participants.

Keywords: Technology and educational actions; COVID-19; RIA40TENA Program.

Educação e tecnologia e tempos de pandemia: programa Ria40tena e a descolonização do mundo da vida

Introdução

O estado de pandemia que assolou todo o planeta tem produzido transformações intensas na vida de todos os seus habitantes. Se por um lado, ecologicamente, as mudanças maléficas causadas pelo ser humano, poluindo, degradando, extinguindo, extirpando o meio ambiente faziam parte do cotidiano há tanto tempo, por outro lado, a natureza, em pouco tempo, escancara a todos sua força e potência em se refazer rapidamente. Somos uma espécie ambígua: de um lado, cria em coautoria e transforma o planeta por meio de artefatos múltiplos, inventa e desenvolve antídotos para tantos males, não se sujeita às limitações do seu tempo e ultrapassa obstáculos; de outro, mostra-se predadora da natureza e da própria espécie.

Quase um ano de COVID-19 no mundo, e a ameaça invisível à vida nos impõe mudanças tão radicais que precisamos nos reinventar. O medo passa a ser companheiro diário, os hábitos sociais precisam ser controlados e retraídos; os de higiene, redobrados. As saídas de casa devem ser evitadas ao máximo, mas se necessárias precisam obedecer a regras rígidas de uso de máscaras, de mínimo contato físico com outras pessoas, de higienização e assepsia constantes. A maioria do planeta é submetida a situações de distanciamento e/ou isolamento e/ou restrição social. O cenário descrito poderia estar em um livro ou filme de ficção científica, mas é sim o que vive a humanidade no ano de 2020.

Mas, diferentemente do que foi vivido em outras pandemias, o século XXI é marcado pela cibercultura/cultura digital, uma cultura contemporânea que promove mudanças sociotécnicas muito significativas, por meio do desenvolvimento de tecnologias digitais e em rede que permitem, via dispositivos móveis, conexões múltiplas entre as pessoas, bem como acesso, produção e socialização de informações e de dados. Lembremos, também, que essa cultura digital "criou formas diferentes e inexistentes de se relacionar, de acessar e produzir conhecimentos, de pensar, de dialogar, de se comunicar, de socializar informações, de ler e escrever, de registrar, de se manifestar, de se organizar etc." (BRUNO, COUTO, 2019, p. 110). Tais compreensões não reduzem este momento histórico às tecnologias digitais e em rede, pois se trata de uma cultura contemporânea.

Em meio a uma cultura que promove transformações nos modos de ser da sociedade, as desigualdades sociais que imperam no planeta são obstáculos impeditivos para que todos/as tenham acesso às tecnologias disponíveis na cibercultura. A pandemia

condiciona a luta diária das pessoas do mundo todo pela sobrevivência e forja cenários adversos no campo da educação e outros voltados à integração de tecnologias digitais e em rede, para quem tem este tipo de acesso.

O presente texto reflete sobre os desafios e as possibilidades que se descortinam no campo educacional brasileiro, em tempos de pandemia do COVID-19. As autoras, professoras e pesquisadoras atuantes nas licenciaturas em universidades federais brasileiras, apresentam vivências decorrentes de ações didáticas, pedagógicas, artísticas e culturais desenvolvidas por uma rede de pesquisadores brasileiros e latino-americanos, em meio a este contexto pandêmico.

Em termos metodológicos, o artigo situa-se como um relato analítico das atividades desenvolvidas na denominada Rede Interinstitucional de ações na "40tena" (quarentena) - RIA40TENA¹. No que diz respeito ao quadro teórico de referência, o artigo vale-se do conceito vigotskiano de vivência e de quatro conceitos habermasianos: racionalidade instrumental, racionalidade comunicativa, sistema, mundo da vida. O relato analítico deflagra a hegemonia das ações educacionais desenvolvidas sob a égide da racionalidade instrumental, mediante a qual o mundo da vida dos atores sociais diretamente envolvidos nos processos formativos (educadores e estudantes) têm seu mundo da vida colonizado pelo sistema. Em refuta a esse cenário educacional desolador, são relatadas ações que integram o Programa de Extensão RIA40TENA (Rede Interinstitucional de Ações Coletivas de Universidades do Brasil e América Latina), as quais se amparam na racionalidade comunicativa, em respeito ao mundo da vida de professores e estudantes participantes do aludido programa. Foram integradas dezessete ações, desenvolvidas por cinquenta pessoas, entre docentes, bolsistas de graduação e de pós-graduação. As ações do Programa envolvem processos artísticos, culturais e educacionais desenvolvidos por docentes e pesquisadores, brasileiros e estrangeiros, voltados a estudantes e abertos à sociedade, com a intenção de oferecer oportunidades, via redes sociais digitais, de partilhas, olhares, ideias, imagens e de sons, sobre o que se passa nestes tempos de distanciamento social.

A seguir são apresentados os conceitos que ancoram este artigo e que sustentam a análise das ações desenvolvidas e relatadas adiante.

Educação e tecnologia e tempos de pandemia: programa Ria40tena e a descolonização do mundo da vida

Mundo da vida e racionalidade comunicativa

Filósofo da segunda geração da Escola de Frankfurt, Jürgen Habermas propõe a Teoria da Ação Comunicativa, ao estabelecer densa crítica à sociedade moderna, destacando, entre outros indicadores, o desencantamento, a alienação e a massificação da consciência. Todavia, além da crítica, Habermas busca superar a dialética negativa, ao propor o conceito de razão comunicativa, apontando sua fecundidade para o enfrentamento da razão instrumental, por indicar pistas para a autorreflexão e o entendimento mútuo (e provisório) entre os sujeitos sociais. Em outras palavras, Habermas põe às claras a ideia de que a razão comunicativa se opõe à razão instrumental. Isso porque, diferentemente da segunda - que se ampara no sujeito egologicamente constituído e se volta aos fins de controle e dominação - a razão comunicativa está atenta ao mundo da vida dos sujeitos sociais, por meio da atenção às relações cotidianas e aos discursos nelas proferidos (PESCE, 2010).

Nesse movimento analítico e propositivo, Habermas (2003) diferencia tipos opostos de ação social. O agir estratégico orienta-se pela lógica instrumental e se volta ao controle e à dominação. O agir comunicativo, ao contrário, está atento ao mundo da vida dos sujeitos sociais e se volta à emancipação dos seres humanos, por meio da atenção dada às relações intersubjetivas, à busca constante de entendimentos mútuos, mesmo sabendo que eles são temporários.

Como a ação instrumental é utilizada estrategicamente pelo sistema, a ação comunicativa acaba por se restringir ao mundo da vida, pano de fundo das manifestações culturais, com destaque, neste artigo, para as desenvolvidas no seio da família e da educação escolar. Cabe explicitar o quanto o mundo da vida é pano de fundo do agir comunicativo, em virtude da riqueza dos aspectos nele ocorrentes e da sua condição pré-teórica e, portanto, precedente à reflexão crítica. O agir comunicativo, tendo o mundo da vida como pano de fundo, configura-se como instância capital para que as relações intersubjetivas possam se dar por meio de argumentativos abertos e livres de coação (PESCE, 2010).

Ao refletir sobre o mal estar da sociedade contemporânea, Habermas deflagra o quanto as organizações societárias precisam descolonizar o mundo da vida da razão instrumental (PESCE, 2010). Ao fazê-lo, o estudioso desvela que os mecanismos de

integração sistêmica, como, por exemplo, o dinheiro e o poder, põem em risco a integridade das instituições culturais e, por conseguinte, dos seres humanos que delas participam. No dizer do autor:

Os grupos excluídos ou empurrados para a margem não possuem poder de veto, uma vez que representam uma minoria desmembrada do processo de produção. E parece que o padrão que se impôs, em nível internacional, entre as metrópoles e a periferia subdesenvolvida se repete no interior das sociedades capitalistas mais desenvolvidas: porquanto o processo de auto-reprodução dos poderes estabelecidos depende cada vez menos do trabalho e da vontade de cooperação dos empobrecidos e deserdados. (HABERMAS, 2005, p. 26)

A aposta de Habermas é que, em refuta à instrumentalização das ações sociais, pelo sistema, o agir comunicativo possa se consubstanciar como instância fecunda à construção de uma vida social pautada em princípios humanistas, como a solidariedade, o diálogo, a ética e a emancipação dos sujeitos sociais que dele participam.

Tendo por base as premissas da Pragmática Universal, Habermas elucida três características do processo comunicativo. A primeira delas refere-se à noção de comunicação como ação social, que pode ser veiculada sob a égide da racionalidade monológica ou intersubjetiva. A segunda diz respeito à ideia de que o processo comunicativo ocorre por meio da linguagem, com destaque para os atos de fala, que são extremamente fecundos ao estabelecimento de uma força consensual. A terceira faz menção a três atos de fala: os constatativos, convergentes com a ação social voltada à conversação; os regulativos, afeitos à ação social normativa; os expressivos, relacionados à ação social dramática. Nesse movimento analítico, Habermas sinaliza que os falantes – em busca do entendimento mútuo e provisório, mediante discurso argumentativo – mobilizam, nos atos de fala, os componentes ilocucionário (na expressão do filósofo, para contrair relações interpessoais) e proposicional (na expressão do erudito, para expor, ou mencionar o estado de coisas). Essa competência linguística é fundamental aos esforços envidados em prol do entendimento mútuo, por meio do agir comunicativo. Habermas salienta que a busca pelo estabelecimento de uma relação consensual ocorre nas relações intersubjetivas, em que os discursos argumentativos estão livres de coação. Essa relação consensual é sempre provisória, porque está aberta a novas formas de compreensão e de entendimento.

Habermas recupera o conceito fenomenológico de mundo vivido ou mundo da vida

Educação e tecnologia e tempos de pandemia: programa Ria40tena e a descolonização do mundo da vida

(referente à subjetividade) e o amplia, ao adicionar a dimensão intersubjetiva. Nesse movimento, o filósofo destaca que o mundo da vida é o pano de fundo das vivências sociais, no cotidiano e nos discursos. É por essa razão que o mundo da vida se situa como instância privilegiada para que a razão comunicativa se realize, em meio a discursos argumentativos livres de coação. O mundo da vida pauta-se na experiência compartilhada pelos sujeitos sociais, nas tradições, na cultura, na língua etc. E ele se manifesta em dois polos: da manutenção e da alteração (por meio de questionamentos e propostas de reformulação).

O agir comunicativo pode ser compreendido como um processo circular no qual o ator é as duas coisas ao mesmo tempo: ele é o *iniciador*, que domina as situações por meio de ações imputáveis; ao mesmo tempo, ele é também o *produto* das tradições nas quais se ancora, dos grupos solidários aos quais pertence e dos processos de socialização nos quais se cria (HABERMAS, 2003, p. 166).

Para os propósitos deste texto parece ser particularmente oportuno trazer à baila as ideias de Habermas sobre o papel das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC). No texto publicado pelo jornal Folha de São Paulo, em 13 de agosto de 2006, sob o título “O caos da esfera pública”, Habermas aponta as contradições inerentes aos dispositivos e interfaces digitais. Eles tanto podem ampliar a esfera pública midiática, condensar as redes de comunicação e colaborar para o aumento do igualitarismo, quanto podem promover a descentralização do acesso à informação e, por conseguinte, fragmentar os nexos de comunicação. Tal polaridade traz nova tensão: de um lado, as TDIC cumprem papel substancial no enfrentamento de regimes totalitários; de outro, prestam-se ao enfraquecimento das conquistas das esferas públicas tradicionais, face ao anonimato e à dispersão de informações promovidas pelas TDIC. Esta ambivalência manifesta-se com pujança no atual momento histórico da nação brasileira.

Habermas sinaliza que os movimentos contemporâneos como os de natureza ecológica, pacifista, feminista e de defesa das minorias, são fecundos para a descolonização do mundo da vida, pelo sistema, sendo, portanto, potencializadores da racionalidade comunicativa, se não se automatizarem, como ocorre no sistema produtivo capitalista (PESCE, 2010).

Para Habermas, a despeito do sistema, que coloniza o mundo da vida por meio da racionalidade instrumental, a racionalidade comunicativa sobrevive no mundo da vida: no cotidiano e nos argumentos que são proferidos livres de coação.

Apoiado em Piaget - no tocante à evolução moral da criança, que parte de um estágio de pré-moralidade e segue em direção ao estágio da autonomia - e em Kolberg, especificamente no tocante aos seus estudos sobre o desenvolvimento da consciência moral, Habermas (2000) constrói sua teoria da evolução social. Nela, esclarece que a hegemônica razão instrumental, derivada de um processo de auto-centração da sociedade capitalista, pode ceder lugar à razão comunicativa, se a sociedade percorrer uma trajetória evolutiva, mediante a qual ela seja capaz de consolidar os processos de socialização e de conscientização. Em outras palavras, considerando a perspectiva evolutiva da humanidade, aí incluso o seu processo de descentração, Habermas anuncia a possibilidade de o agir estratégico poder vir a ser ocupado pelo agir comunicativo.

A crítica ao mal estar da sociedade contemporânea e a proposta emancipadora de Habermas para a superação das patologias da sociedade capitalista, na resistência ao predomínio da racionalidade instrumental e na postura propositiva atinente à racionalidade comunicativa, pode parecer particularmente fecunda aos estudos e pesquisas no campo das humanidades e, em especial, para os propósitos deste artigo, das ações educacionais em tempos de pandemia do COVID-19, como as desenvolvidas pelo Programa RIA40tena.

Tempos vividos, vivências: o singular e o plural em relação

"A Arte é o social em nós" (VIGOTSKI, 1999, p. 315)

A epígrafe que inicia este tópico do artigo representa claramente os movimentos decorrentes do vivido por todo o planeta, em tempos de reclusão e tamanha instabilidade. O social em nós, expresso como em forma de arte, é o que tem dado sentido à vida de cada ser humano, que se vê distante ou isolado socialmente, mas que tem em si o social vibrando *dentrofora* de si. A arte, em toda a história da humanidade, tem tido o poder de expressar emoções, visões, ideias, críticas, dores, vivências do humano para e sobre o mundo. Prestes (2012), como estudiosa e tradutora de Vigotski, destaca que, para o pesquisador russo, a arte tem a função de "superação do sentimento individual e o aspecto criativo da arte está no fato de ela possibilitar a transferência de uma vivência comum" (PRESTES, 2012, p. 125). Além disso, Vigotski critica teorias que entendem a arte como conhecimento ou procedimento e, oportunamente, traz a associação de arte à vivência; no caso do presente texto, utilizamos o conceito vigotskiano de vivência para interpretar as vivências

Educação e tecnologia e tempos de pandemia: programa Ria40tena e a descolonização do mundo da vida

contemporâneas suportadas pelas tecnologias digitais e em rede.

Destarte, compreendemos que, nos tempos atuais, de pandemia, as manifestações podem se apresentar em forma de arte, como expressão do social em si para o social em rede. A cultura digital, com seus artefatos tecnoculturais, oferece condições para que as autorias se multipliquem, tenham visibilidade e para que cada pessoa possa, em sua singularidade, artesanear suas vivências, plurificá-las e socializá-las.

Perejivanie, ou vivência, em uma tradução de Prestes para o português, é um termo caro para Vigotski e muito oportuno para a análise das ações relatadas no presente texto. O subtítulo escolhido para este tópico, a saber: o singular e o plural em relação, é uma alusão ao sentido dado por este autor à ideia de vivência: "*Perejivanie*, para ele, não diz respeito a uma particularidade da criança e nem ao ambiente social em que ela se encontra, mas à relação entre os dois" (PRESTES, 2012, p. 129).

Cabem alguns esclarecimentos tratados por Prestes: a) sobre a opção do termo vivência e não experiência, este último foi traduzido para o russo pela palavra *Opit* e também usada por Vigotski em outros textos, não devendo se confundir com *perejivanie*. Segundo Prestes (*idem*), a vivência dá sentido ao que o autor compreende como viver uma dada situação, permitindo-se ser afetado/a intensamente por ela. Desse ponto, a experiência é mais restritiva, além de ter outra palavra no idioma russo. Por isso a tônica na relação entre o singular e o plural, compreendendo a relação intersubjetiva do que é vivido; b) existem diversas traduções para *perejivanie*, como emoção, vivência, sentimento. Estamos assumindo a tradução de Prestes (2012), considerando todos os estudos por ela realizados e seu domínio do idioma russo e da obra de Vigotski.

Prestes e Tunes (2012, p. 333) esclarecem que "Não existe ambiente social sem o indivíduo que o perceba e o interprete. O ambiente social é uma realidade que envolve o ambiente e a pessoa, é o entre".

Algumas ações educacionais emergentes em tempos de pandemia, como a presente, refletem e se fazem em meio ao interstício, aos processos de vivências intersubjetivas. Tais vivências não se restringem a experiências pontuais, limitadas e limitadoras, mas extrapolam e potencializam transformações humanas.

Por fim, Vigotski apresenta quatro formas de relação entre o imaginário e o real, que ajudarão nas análises empreendidas em relação à ideia de vivências, pois as ações analisadas

no tópico a seguir se revelam por meio de imagens. Temos, então, a imagem criada com base na realidade, nas experiências de outras pessoas, nos sentimentos, na criação do inusitado. Nessa direção, a arte compreende reações emocionais e estéticas, que promovem afetos e sentimentos, traduzidos em vivências.

Guardadas as devidas especificidades, o conceito vigotskiano de vivência e o conceito habermasiano de mundo da vida apresentam alguns pontos de convergências e sustentam a análise das ações relatadas a seguir.

RIA4otena: tramas e trilhas integradas em tempos de distanciamento social

A RIA4OTENA constitui-se como uma rede (trans)formativa aberta, composta por professores e pesquisadores de instituições educacionais nacionais e estrangeiras, cujo foco é promover ações que possam ser produzidas e socializadas, por meio de linguagens multimodais e pelas tecnomídias digitais disponíveis aos estudantes e ao público interessado. Por isso, as ações desenvolvidas pela rede são compreendidas como expressões artísticas, culturais, educacionais e, via redes sociais digitais, partilham o social em nós, como quer Vigotski.

A proposta desta rede de ações nasceu da conversa entre duas pesquisadoras que, preocupadas com as condições nas quais estudantes quarentenados estariam vivenciando, resolveram promover ações (trans)formadoras voltadas, em um primeiro momento, a seus/suas alunos/as do ensino superior. Ao convidar outros docentes para participarem de tais ações, surgiu o RIA4otena, que tem hoje cinquenta pessoas envolvidas, entre professores, bolsistas de cursos de graduação, e orientandos de mestrado e doutorado. São aproximadamente dezesseis instituições educacionais envolvidas (universidades e institutos). Como rede aberta, a adesão espontânea cresce, de modo a promover o ingresso de docentes a todo momento. As ações se movem como o tempo em que vivemos: algumas com período de término delimitado e outras em fluxo contínuo.

No presente texto, a análise recai sobre 3 ações desenvolvidas no período de abril a junho de 2020 e já finalizadas: a) Caminhada fotográfica do isolamento; b) LIVEACTION: Conversas sobre tecnologia e o momento atual; c) Tecnologias antes do COVID e no isolamento. As duas últimas são analisadas conjuntamente, dadas as semelhanças entre ambas.

A *Caminhada fotográfica do isolamento* ocorreu no período de abril-maio de 2020 e

Educação e tecnologia e tempos de pandemia: programa Ria40tena e a descolonização do mundo da vida

ênfatiçou o olhar no cotidiano em distanciamento social. A proposta pedia que os participantes produzissem imagens, sons e palavras, em aproximadamente 15 segundos, do que lhes chamavam a atenção dentro de suas próprias residências, nesse período de pandemia. O que passa a ter visibilidade nesse contexto? Que percepções cada um/a tem desse período em que todos/as são obrigados a ficar em casa, sem contato social, por conta do COVID-19? Estas foram perguntas desencadeadoras para a ação, que deu visibilidade aos materiais encaminhados aos produtores da ação, via e-mail, e socializados por meio de duas redes sociais: Instagramⁱⁱ e Facebookⁱⁱⁱ.

Esta ação integrou vinte trabalhos enviados para publicação, no período entre 22 de abril e 08 de maio de 2020. Todas as ações enviadas, em formatos de vídeo, imagens e textos, foram publicadas nas supracitadas redes sociais. O conjunto desta ação desvelou os olhares, as emoções e os sentimentos, os sentidos e os significados muitos singulares das vivências que são tão plurais. As obras, fortes representações do mundo da vida habermasiano, são impregnadas de sentidos múltiplos do que cada um/a está vivenciando em seu cotidiano de reclusão na quarentena.

As ilustrações de Priscilla Abreu, a seguir, além de socializarem seu talento artístico singular, integram forte crítica social acerca deste momento: por um lado temos a cena de uma pessoa assistindo ao mundo passar pela janela; por outro, uma imagem de um ser deformado pelo vírus, em formato de COVID-19. Se pudéssemos isolar essa primeira cena em qualquer outro momento da vida - antes do COVID-19, poderíamos acenar para a vida dessa pessoa, suas experiências, suas dores e amores, mas, estando em um tempo vivido com condições cerceadoras de liberdade, emergem outras possibilidades de análise: revela percepções do isolamento, do distanciamento, a limitação para sair daquele local e o quanto nossa visão e contato com o mundo tem se modificado neste adverso contexto. Ao lado dessa cena temos o 'Corona Monstro': o principal causador desse isolamento social. Notem que o 'monstro' assume formato humano, de modo que sejamos convocados a refletir sobre a ação do ser humano nessa pandemia.



Fonte: https://www.instagram.com/p/B_2o6nRJJOA/

Que vivências são estas, que marcam tão profundamente as relações intersubjetivas?
Como tem sido o mundo da vida na pandemia?

Imagem 3 - Patricia Souza Lima (06/05/2020)



Fontes: <https://www.instagram.com/ria4otena/>

Habermas traz a compreensão de que o mundo da vida é o pano de fundo das vivências sociais, no cotidiano e nos discursos, e as imagens advindas dessa ação, a Caminhada Fotográfica do isolamento retratada na obra de Patrícia Souza Lima - o *hall* de entrada de um conjunto de apartamentos - pode dizer muito mais sobre o que nos une do que o que nos isola neste momento. Do lado de fora de cada residência são deixados os

Educação e tecnologia e tempos de pandemia: programa Ria40tena e a descolonização do mundo da vida

calçados usados para levar as pessoas a contatar o mundo; cada um dos calçados também deixa as pegadas de um/a sobrevivente, de uma história que em outros tempos produziria trilhas longas por trajetos que hoje se apresentam como obstáculos, representado pelo 'Corona Monstro' da Priscilla. São trajetos que sinalizam que as vivências de hoje, tomadas por novas configurações sociais, transformam o mundo da vida: vidas que deixam de trabalhar, por perderem seus empregos; outras, por não mais conseguirem sair da condição de desempregados. E, ainda, os/as poucos/as privilegiados/as que conseguem trabalhar remotamente. Este cenário, acentuado por um mundo da vida que tem sido cada vez mais colonizado pela racionalidade instrumental subjacente ao sistema capitalista.

Marcia Campos chama atenção para a potência da cibercultura que, com suas lentes e telas, abre as conexões para que o convívio social possa acontecer. A possibilidade de "Olhar pela lente do outro", como a autora escreve em sua mensagem, pode ajudar a compreender melhor as tensões e as contradições inerentes aos dispositivos e interfaces digitais, apontadas por Habermas, no tocante à potencialização da esfera pública midiática, ao adensamento das redes de comunicação e à ampliação do acesso à informação. Por maiores que sejam as possibilidades de dispersão de informações promovidas pelas TDIC, apontadas pelo filósofo, no caso das ações desenvolvidas na RIA40tena e nesta postagem em especial, evidenciam-se proposições subjetivas das relações afeitas ao momento atual, por meio das TDIC. Nesse movimento, o agir comunicativo parece perpassar as dimensões intersubjetivas, com desdobramentos para a constituição das subjetividades.

Imagem 4 - Olhar pela lente do outro - por Márcia Campos (08/05/2020)



Fonte: https://www.instagram.com/p/B_8U939JpLN/

A imagem postada nesta ação é muito mais do que a luz da lua. Talvez possa ilustrar o

quanto as janelas virtuais podem promover encontros, ainda que para a autora tenha significado a consciência da dimensão da distância, em tempos de pandemia. Talvez a luz da lua não tenha sido suficiente para iluminar as lágrimas que caíam no rosto dela, mas marcaram essa vivência de modo muito intenso para essas pessoas. Para nós, além da importância dessa interpretação, o relato analítico também sinaliza que tais vivências do mundo da vida demarcam o fosso existente entre as pessoas que podem hoje partilhar suas imagens e emoções pelas redes sociais digitais e as que não podem, por não terem acesso às TDIC.

Se a racionalidade comunicativa materializada no agir comunicativo consubstancia-se, como já foi dito, como instância fecunda à construção de uma vida social pautada em princípios humanistas, como a solidariedade, o diálogo, a ética e a emancipação dos sujeitos sociais que dela participam, um exemplo disso pode ser notado na imagem que segue, produzida por Diene Eire, que propõe reflexão sobre a relação do ser humano com a natureza, destacando os males do primeiro sobre a segunda, como anunciado na abertura deste artigo. Por dentro da condição de distanciamento social emanam olhares para o mundo exterior, que superam a perspectiva do sujeito egologicamente constituído, como postula o sistema, para irem ao encontro da consciência ecológica.

Imagem 5 - Obra produzida por Diene Eire (28/04/2020)



Ninguém no parque.
A natureza agradece...

Fonte: <https://www.instagram.com/ria40tena/>

Parques e praças à deriva escancaram o quão impotentes os seres humanos podem ser diante de seres invisíveis como o novo coronavírus, promotor do COVID-19 (*Coronavirus Disease 2019*). Tão fortes e destruidores são os seres humanos que transformam (e

Educação e tecnologia e tempos de pandemia: programa Ria40tena e a descolonização do mundo da vida

destruam) a vida que os cerca; todavia, são colocados de joelhos ante um cenário como esse da pandemia. Se por um lado, como traz a mensagem, "a natureza agradece", por outro ela reflete sua força, tal como a imagem a seguir, sinalizando que não há tamanho para que sua potência se faça presente.

Imagem 6 - Fotografia: Paulo Damazio



*Certa vez, ouvi que a Esperança não é sobre esperar, e sim caminhar. Que viver o sonho é ter um olhar para e sobre o futuro sem perder o contato com o presente. Que os nossos amanhãs serão do tamanho da nossa capacidade de sonhar e esperar. Que possamos nos reinventar e ver beleza no simples. Há esperança onde menos se espera, há caminhadas em meio ao momento de pandemia, há ressignificados onde nunca pensamos colocar ou existir. Tenha Esperança! Texto: Esther Oliveira - Obras enviadas em 30/04/2020
Fonte: https://www.instagram.com/p/B_yFu3mJU_E/*

A partir dessa última imagem, selecionada da ação Caminhada Fotográfica no isolamento, o caminhar assume lugar de destaque para o esperar. O que germina numa casca de ovo passa a simbolizar o que Vigotski apresentou como formas de relação entre o imaginário e o real: a imagem criada com base na realidade, no devir pandemia, em composição com as vivências de outras pessoas, na relação intersubjetiva, nos sentimentos e na esperança.

Mais uma vez a arte suscita reações emocionais e estéticas promotoras de vivências. Mas, se tais vivências são constituídas pelo e com o mundo da vida e as imagens anteriores demonstram tal processo, há neste momento de pandemia um fenômeno ocasionado pela Cultura Digital e as TDIC, por meio de encontros online, denominados de 'lives'. As 'lives' - derivadas das práticas jornalísticas realizadas por entrevistas, conversas, matérias dialogadas produzidas e transmitidas 'ao vivo', graças à Internet e aos dispositivos ofertados em meio digital e em rede - têm sido, nestes tempos, utilizadas para diversos fins,

com formatos mais acadêmicos - como palestras, mesas redondas, entrevistas, passando pelos usos escolarizados das aulas síncronas - e com formatos mais informais, como *shows*, bate papos etc.

Duas ações desenvolvidas pela RIA40TENA utilizaram o formato 'live', mas inovaram, na medida em que também promoveram dinâmicas que mixam a formalidade com a informalidade, típicos do que podemos entender como o agir comunicativo em prol das emergências do mundo da vida: 1a) "LIVEACTION: Conversas sobre tecnologia e o momento atual" e 2a) "Tecnologias antes do COVID e no isolamento". Estas ações são aqui analisadas em conjunto, tendo em vista as ocorrências semelhantes em sua realização. A primeira, envolveu seis pesquisadores de quatro universidades federais diferentes e teve por objetivo refletir sobre as tecnologias digitais em rede e suas implicações na sociedade e na educação em tempos do COVID-19. Para tal, foram realizadas duas lives com os temas: 1) "Tecnologia e sociedade no cotidiano pré e pós COVID", que contou com 103 comentários e os 34 participantes, em aproximadamente 60 minutos de 'live'.

Imagem Tecnologia e sociedade n Cotidiano pré e pós COVID



Fonte: Cartaz produzido para esta ação e disponibilizado pelas redes Instagram e Facebook

A segunda 'live' "Docências e Cultura Digital em tempos de quarentena", no mesmo formato da anterior, contabilizou 82 participantes e 366 comentários.

Imagem – Live Docências e Cultura Digital em tempos de quarentena

Fonte: https://www.instagram.com/p/B_c4FYqpnlo/

Educação e tecnologia e tempos de pandemia: programa Ria40tena e a descolonização do mundo da vida



Fonte: Cartaz produzido para esta ação e disponibilizado pelas redes Instagram e Facebook. - https://www.instagram.com/p/B_huSBuJYL6/

As duas 'lives' oportunizaram diálogos profícuos sobre os temas propostos e propiciaram a criação de espaços formativos dialógicos. Se inicialmente as mesas obedeceram ao formato mais acadêmico, a rede em conexão ofereceu a todos a percepção de que as participações eram significativamente maiores do que as realizadas em espaços físicos. Talvez a presença *online* encoraje mais os participantes a se manifestarem e ficou evidente o desequilíbrio entre o tempo cronológico, disponível para cada uma das 'lives', e o tempo kairológico demandado por aquela vivência que marcou cada um dos ali envolvidos. Dito de outro modo: o tempo foi muito curto para atender a tantas questões, comentários e expressões múltiplas de participação. Estas ações mostram demandas até então imaginadas, mas muitas delas desconhecidas.

Um ponto importante a se registrar é que nas 'lives', e agora podemos ampliar para tantas outras que ocorrem neste espaço-tempo, coexistem debates em duas dimensões simultâneas: a de quem palestra ou compõe a mesa temática e outra nos espaços de *chat* (espaço de bate papo que compõem os dispositivos usados para as lives). É muito interessante compreender que as ocorrências nestes espaços de bate papo, para além de comentários e questões para quem está 'à mesa', produzem debates entre os participantes, com diálogos paralelos muito potentes. Evidencia-se a potência do agir comunicativo, no enfrentamento da racionalidade instrumental, quando o ser humano transforma

criticamente os espaços, tomando-os para si, em prol do mundo da vida descolonizado pelo sistema.

Nós, pesquisadoras, tínhamos sinalizações das carências que as atividades *online*, por meio do ensino remoto, estavam sujeitando os/as docentes, especialmente de educação básica. Porém, não se tinha a dimensão de tamanhas necessidades. A abertura de espaços de diálogo com as 'lives', oportunizou que as vozes - até então isoladas - chegassem até nós e se propagassem pelas redes.

Por um lado, as mesas puderam oferecer algum tipo de orientação e ajuda aos que estavam ali presentes, pois todos os envolvidos nas duas 'lives' eram professores experientes na área da educação *online*. Por outro lado, aulas *online* voltadas para crianças e adolescentes nunca estiveram na pauta de estudos e práticas destes pesquisadores. Estas vivências mostraram a todos/as o vasto campo de pesquisa e de ações didático-pedagógicas para investir. Trazendo Habermas para este diálogo, o quanto as estratégias comunicativas devem ser desenhadas para o novo mundo da vida em construção, em que as bases que costumavam alicerçar algumas das 'possibilidades' não mais corresponderão, do mesmo modo, ao mundo da vida, tal como ele se apresentava antes da pandemia.

As análises terminam com a ação que pode ser considerada uma extensão das anteriores: Tecnologias antes do COVID-19 e no isolamento. Nesta ação foi realizada uma roda de conversa aberta e destinada a docentes da educação básica.

Imagem – Cartaz Roda de Conversa com professores



Fonte: Cartaz produzido pela equipe do RIA40TENA para esta ação

Educação e tecnologia e tempos de pandemia: programa Ria40tena e a descolonização do mundo da vida

Esta ação ficou restrita a uma sala fechada, ou seja, o *link* ficou aberto para quem quisesse participar. Todavia, após sua realização o acesso não mais ficou disponível. Desse modo, não foi possível, até o momento em que o artigo foi finalizado, obter acesso aos seus dados completos. Entretanto, por sua relação com as ações síncronas anteriores e por apresentar diálogo focalizado na educação básica, são apresentados aqui algumas análises importantes, produzidas por meio da vivência nesta roda de conversa, de duas das autoras deste texto.

A especificidade desta ação está no público alvo: docentes atuantes na educação básica, integrando professores e gestores das redes públicas e privadas, e nos desdobramentos e nas emergências que surgiram, como apresentados a seguir.

Destacam-se pontos relevantes dos diálogos ocorridos nesta roda, sintetizados na temática: vivências escolares na pandemia. A maioria das falas foi de depoimentos de professores da educação pública e privada. Os gestores também apresentaram suas experiências e focalizamos. Tais depoimentos apresentam alguns pontos de tensão:

- precarização do trabalho docente, adensada em meio à pandemia, com professores sendo obrigados a desenvolver práticas que são totalmente desfavoráveis, do ponto de vista pedagógico e da aprendizagem;

- professores e estudantes sendo obrigados ao cumprimento de horas excessivas de trabalho e a aulas em frente às telas de dispositivos informáticos, ocasionando problemas de diversas ordens: dores de cabeça, cansaço, dores no corpo, irritabilidade, alteração de humor, perda de auto-estima, problemas de visão etc;

- professores sofrendo pressão para apropriação de conhecimentos tecnológicos sem formação docente compatível, tendo que se sujeitar à perda salarial, como condição para manutenção do vínculo empregatício;

- professores sendo obrigados a assumir despesas com equipamentos, acesso à Internet, pacotes de dados e também formação docente para ensino remoto, sem apoio ou ajuda financeira;

- estudantes sem acesso à Internet e a dispositivos tecnológicos para participação de aulas *online* e em condições muito desfavoráveis para alimentação e higiene em suas residências;

- gestores pressionados por secretarias de educação, que impõem horas excessivas

de trabalho, geração de dados de professores e de alunos sobre acesso a tecnologias e a dispositivos, bem como produção de planilhas com muitos dados em pouco tempo.

Diversos outros pontos poderiam ser apresentados, mas esses são suficientes para deflagrarmos a precariedade que historicamente tem se apresentado ao campo da educação. Agora, em tempos de pandemia, tal precariedade tem se recrudescido ainda mais. Muitos estudantes estão empenhados na luta diária pela sobrevivência e perpassados pelo medo constante do COVID-19. O tempo vivido hoje é ainda mais adensado pelas contradições, que ora se revelam pelas lentes como tempos de esperança, ora, pela dura realidade de quem está não apenas tendo que sobreviver ao vírus, mas às precárias condições que persistem no mundo da vida colonizado pelo sistema.

Este cenário, em composição com as ações relatadas no presente artigo, especialmente as da Caminhada Fotográfica do isolamento, ratificam o alerta de Habermas acerca da colonização do mundo da vida, pelo sistema, o qual se ergue em meio à racionalidade instrumental, automatizando e fomentando o sistema produtivo capitalista.

Considerações (provisórias) do atual mundo da vida

As tensões decorrentes do momento de pandemia, que coloca todos/as em pânico, desorientação e medo, condiciona a todos/as à busca de alternativas de sobrevivência e de esperança. A despeito das inúmeras contradições inerentes aos dispositivos tecnológicos produzidos na Cultura Digital (PESCE, 2010), eles também podem se tornar fortes aliados dos movimentos de superação do momento desfavorável atual. Concomitantemente, o campo da educação vive situações adversas e controversas de possibilidades de aulas remotas, que muitas vezes não colocam atenção à falta de condições para sua realização, de modo satisfatório; ou seja, proposições educacionais que não respeitam o mundo da vida dos estudantes. Assim sendo, é oportuno observar o lúcido diagnóstico de Habermas sobre o papel da técnica no recrudescimento do *modus operandi* das organizações societárias capitalistas, a serviço da colonização do mundo da vida, pelo sistema, especialmente por sua atualidade, neste momento de pandemia.

Nesta direção, a crítica a ações *online* instrumentais, que não respeitam o mundo da vida dos sujeitos sociais, em meio à pandemia, torna-se evidente, sobretudo no sistema educacional.

À contramão deste movimento desrespeitoso, o Programa RIA40TENA oferece

Educação e tecnologia e tempos de pandemia: programa Ria40tena e a descolonização do mundo da vida

alternativas para o campo educacional, em um contexto de múltiplas carências, de paralisia social e de incertezas. O mundo da vida é o pano de fundo das vivências sociais e tais aspectos ficaram evidenciados, ao longo da análise das ações desenvolvidas, como possibilidade de transformação deste mundo, por meio da resistência ao agir instrumental, presente nas sociedades pré-pandemia e fortemente alimentado no cenário de pandemia.

A superação das circunstâncias ora apresentadas tem sido o grande desafio para todos/as e torcemos para que possamos sair deste cenário desolador mais fortalecidos e transformados. A esperança trazida pelas imagens ora apresentadas e por parte dos que estiveram nas 'lives' e na roda de conversa pode ser o catalisador das mudanças necessárias à descolonização do mundo da vida, pelo sistema. Que saibamos aproveitar esse difícil momento para refutar a utilização das TDIC sob a égide da racionalidade instrumental. Ao contrário, que possamos orientar nossas ações para a utilização das tecnologias digitais e em rede, em prol das rupturas necessárias e em favor de uma educação mais justa, igualitária, acessível a todos/as e atenta ao mundo da vida de estudantes e professores.

Referências

- BRUNO, Adriana Rocha, COUTO, João Luiz Peçanha. Culturas contemporâneas: o digital e o ciber em relação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**. Volume 16, número 43, 2019. PPGE/UNESA. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/5848/47965986> Acessado em 10/06/2020.
- HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade: doze lições**. Trad. L. S. Repa e R. Nascimento. São Paulo: Martins fontes, 2000. (Coleção Tópicos).
- _____. **Consciência moral e agir comunicativo**. 2. ed. Trad. G. A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- _____. **Diagnósticos do tempo: seis ensaios**. Trad. F. B. Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005.
- _____. O caos da esfera pública. Caderno Mais. **Jornal Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 ago. 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1308200605.htm>
- PESCE, Lucila. Formação online de educadores sob enfoque dialógico: da racionalidade instrumental à racionalidade comunicativa. **Revista Quaestio (UNISO)**, v. 12, p. 25-61, jul. 2010. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/177/177>
- PRESTES, Zoia; TUNES, Elizabeth. A trajetória de obras de Vigotski: um longo percurso até os originais. **Estudos de Psicologia (PUCCAMP. Impresso)**, v. 29, p. 327-340, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000300003>
- PRESTES, Zoia. **Quando não é quase a mesma coisa**: trad. de Lev Semionovich Vigostki no

Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. Coleção Educação Contemporânea.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da Arte**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Notas

ⁱ RIA4otena: Site oficial: <https://ria4otena.wixsite.com/ria4otena>

ⁱⁱ Instagram: <https://www.instagram.com/ria4otena/?hl=pt-br>

ⁱⁱⁱ Facebook: <https://www.facebook.com/RIA4otena/>

Sobre as autoras:

Adriana Rocha Bruno

Pós doutora em educação pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa-PT, Doutora e Mestre em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e licenciada em Pedagogia. É professora associada do Departamento de Didática da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). É professora dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Gestão e Avaliação da Educação Pública - ambos da UFJF. É líder do Grupo de Pesquisa Aprendizagem em Rede - GRUPAR.

<https://orcid.org/0000-0002-5646-8919> E-mail: adriana.bruno@unirio.br

Lucila Pesce

Doutora e mestre em Educação e Currículo, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP); pós-doutorado em Filosofia e História da Educação, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); licenciada em Letras (1985), pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (LP - Políticas Educacionais e Formação de Educadores) e colaboradora Programa de Pós-Graduação em Gestão e Informática em Saúde (LP: TIC na Saúde, no Ensino e em Telessaúde), ambos da UNIFESP. Líder do Grupo de Pesquisa LEC: Linguagem, Educação e Cibercultura. <http://orcid.org/0000-0002-2562-2012> E-mail: lucila.pesce@unifesp.br

Adriana Hoffmann

Pós-doutora em Comunicação pela UFF, Doutorado e Mestrado em Educação e Mídia respectivamente pelo PROPED/UERJ e pela PUC-Rio. É professora da Escola de Educação/Programa de Pós-graduação em Educação da UNIRIO. Membro das associações de pesquisa ANPED e SBPC. Integra a Rede REDARTH (Rede Internacional de Educação, Artes e Humanidades) e a REDE FORMAD (Rede de formação docente) e na quarentena faz parte da REDE RIA4otena - Rede Interinstitucional de Ações Coletivas de Universidades do Brasil e América Latina. Coordena o grupo de pesquisa CACE(Comunicação, Audiovisual, Cultura e Educação)/CNPq. <https://orcid.org/0000-0001-5009-4373>

E-mail: profadrihoff@gmail.com

Recebido em: 10/11/2020

Aceito para publicação em: 09/12/2020